

ANAIS DO
V SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES
UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA

Organizado pelo PROF. EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA

**PORTOS, ROTAS E
COMÉRCIO**

VOLUME I

XXXV
Coleção da *Revista de História*
sob a direção do Professor
E. Simões de Paula.



São Paulo — Brasil
1971

INTRODUÇÃO ÀS “MEMÓRIAS SÔBRE OS PAÍSES DO OCIDENTE” DE HIUEN-TSIANG (*) (1).

EKYU KYUJI TOKUDA.

Professor-visitante de História do Extremo-Oriente na
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo.

INTRODUÇÃO.

As *Memórias sôbre os Países do Ocidente* são o relato da viagem feita por Hiuên-Tsiang, monge budista chinês do Período Tang, de 629 a 645, visitando o Si-Kiang, o Turquestão, o Afganistão e outras regiões da Ásia Central, percorrendo tôda a Índia e atravessando o planalto do Pamir para voltar a Chang-An (1).

Partindo da Barreira do Portão de Jade, transpôs o deserto e atravessou os pequenos países situados ao longo da Rota do Norte do Turquestão Oriental, a saber: Hami, Turfan, Karashar, Kusha e Aksu. Depois, transpondo o desfiladeiro de Bedal, nos Montes Tien-Chan, atingiu a margem sul do lago Issyk-kul. Seguindo ao longo das margens do lago, chegou a Tokmak, e, depois, atravessando o Turquestão Ocidental e o Afganistão, penetrou na Índia. Depois de ter estudado na Universidade de Nalanda, percorreu tôda a Índia, atravessou o Nepal e, passando por Kachgar, seguiu pela chamada Rota do Sul, que segue em direção ao sul do lago Lop Nor, passando pelos pequenos estados de Kargalik, Khotan e Napa e chegando a Tun-Huang. No ano de 645 reentrou em Chang-An. Depois, por ordem do Imperador Tai-Tsong, escreveu um relato oficial de sua viagem pela Ásia Central e Índia, mencionando dados a respeito de 138 países, 110 dos quais visitados por êle. Esse relato é conhecido como as *Memórias sôbre os Países do Ocidente*.

(*) . — Comunicação apresentada na 1ª sessão de estudos, Equipe A, no dia 2 de setembro de 1969. Texto japonês traduzido por Ricardo Mário Gonçalves (*Nota da Redação*).

(1) . — Este trabalho é em grande parte uma seqüência do de autoria do Prof. Ricardo Mário Gonçalves, *A Viagem de Chang Ch'ien e o início do domínio chinês na Ásia Central*, cuja leitura prévia recomendamos, para facilitar sua compreensão.

Em seu relato, Hiuen-Tsiang apresenta muito bem a geografia, os costumes, as línguas, as lendas e tradições da Ásia Central e da Índia, bem como a difusão do Budismo, em seus dois ramos, Hinayana e Mahayana. Apresenta dados exatos sobre a localização de cidades, templos e monumentos, o que fez desse texto, desde o século XIX, um precioso auxiliar para a exploração arqueológica das ruínas da Índia e da Ásia Central. Foi de extrema importância para as pesquisas realizadas nesta última região por Sir Aurel Stein, Paul Pelliot e Sven Hedin.

Até bem pouco atrás, em relação à Ásia Central, só se estudava a expansão da Cultura Helenística a partir de Alexandre-o-Grande, a difusão da Cultura Indiana e Budista para o Oriente ou então as invasões de Genghis-Khan. Assim, a Ásia Central era vista apenas como um palco de expansão de elementos do Oriente e do Ocidente. Atualmente, porém, já se admite a Ásia Central como uma região onde se desenvolveram culturas *sui-generis* e pensa-se que ela desempenhou um papel bem maior do que o até agora admitido, no tocante ao intercâmbio cultural entre o Ocidente e o Oriente. Recentemente, a UNESCO planejou uma pesquisa sobre as culturas dos povos da Ásia Central, abrangendo aspectos sociológicos, folclóricos, artísticos e religiosos, que deverão ser abordados globalmente. Assim, essa região que outrora desempenhou importante papel ao comunicar entre si os mundos do Oriente e do Ocidente, novamente volta a ser focalizada em nossos dias. Outrora conhecida como a *Terra Incógnita*, a Ásia Central está sendo progressivamente estudada agora, mas devido à insuficiência e à insegurança das fontes, ainda há muitos pontos obscuros.

Outrora os países da Ásia Central eram considerados “Países sem História” como a Índia, devido à ausência de crônicas e relatos históricos. Por isso, ainda hoje os estudos sobre a Ásia Central dependem em grande parte das fontes chinesas. Neste trabalho, apresentaremos uma das fontes básicas para esses estudos, a saber, as supracitadas *Memórias sobre os Países do Ocidente*, de Hiuen-Tsiang.

*

I. — CARACTERÍSTICAS DAS MEMÓRIAS.

As *Memórias sobre os Países do Ocidente* são, como já dissemos, o relato do que viu e ouviu Hiuen-Tsiang em sua viagem pela Ásia Central e pela Índia. Muitos são os relatos de viagem que nos chegaram desde a Antiguidade, mas poucos são os que, como o de Hiuen-Tsiang, nos apresentam a história e as tradições das regiões



Fig. 1. — Pintura proveniente de Tun-Huang representando o peregrino Hsien-Tsiang. Apud Shinobu Iwamura, *Silk Road*, Tokyo. NHK. 1966.

visitadas, juntamente com a descrição de sua situação na época da viagem, bem como indicações precisas sobre sua localização, através de números e dados geográficos. Assim, para o estudo da História Oriental e da Geografia e História do Budismo, êsse texto é uma fonte fundamental e indispensável.

Hiuen-Tsiang partiu de Chang-An, capital do Império Tang, em setembro de 629 e regressou em abril de 645. Durante 15 anos e 8 meses percorreu inúmeros países de uma vastíssima região.

Nessa época, consolidara-se na China a Dinastia Tang, após a queda da Dinastia Sui. Nas estepes que a partir da Mongólia se estendem por toda a Ásia Central, os turcos Tou-K'ia cercavam a China desde o Norte. Os Tou-K'ia Orientais já se haviam enfraquecido e firmado a paz com a China dos Tang. Na Ásia Central, porém, os Tou-K'ia Ocidentais ainda eram poderosos e os chineses estavam proibidos de transpor a Barreira do Portão de Jade e viajar para o Oeste. Na Ásia Ocidental, os Sassânidas dominavam o Irã, enquanto que o Império Bizantino, tendo Constantinopla por capital, abarcava a Síria e a Ásia Menor, além do Egito. Pouco tempo depois, Chang-An, capital do Império Tang e Bagdá, do Império Sarraceno, iriam ser os dois grandes centros internacionais de cultura, no Oriente e no Ocidente, respectivamente.

O relato da viagem de Hiuen-Tsiang nos fornece dados sobre a situação do Budismo nessa época, na Ásia Central e na Índia. Em muitos pontos de ambas as regiões o Budismo florescia, mas em outros, também numerosos, já havia desaparecido. Do ponto de vista filosófico, o Budismo Indiano estava na época em fase de progresso e desenvolvimento, mas do ponto de vista da expansão missionária, estava no limiar do processo de declínio. Por outro lado, porém, prosperava ativamente no Afganistão e na Ásia Central, expandindo-se assim por terras estrangeiras.

A viagem de Hiuen-Tsiang, relatada nas *Memórias*, abrangeu uma vasta área: a Índia, colocada em primeiro plano, o Afganistão Oriental, o Turquestão Soviético e o Turquestão Chinês. O viajante apresenta ainda dados sobre regiões que não visitou, como o Irã e a ilha de Ceilão. Assim, as *Memórias* apresentam o caráter de uma descrição geográfica do antigo Oriente. Também reproduz com grande fidelidade vocábulos em sânscrito e outras línguas, sem omitir fonemas, permitindo uma fácil identificação dos vocábulos originais. Muitos idiomas estrangeiros estão presentes na obra: entre as línguas da Índia, temos o sânscrito, o prácrito e vários dialetos locais; do Afganistão, o persa e o afgã; finalmente, da Ásia Central, o turco e vários dialetos locais.

*

II. — A POSIÇÃO DE HIUEN-TSIANG NA HISTÓRIA DO BUDISMO.

Hiuen-Tsiang é, dentro da História do Budismo, uma figura notabilíssima em diversos aspectos.

Como viajante, percorreu uma área muito maior que seus predecessores na Ásia Central, como Chang Ch'ien (século II a. C.) e o bonzo Fa-Hsien (século XII d. C.). Além disso, seus relatos primam pela minúcia dos detalhes. Quanto à travessia do Turquestão Oriental, ao passo que a maioria dos viajantes percorreu apenas uma das duas rotas possíveis, ou a do Norte ou a do Sul, Hiuen-Tsiang trilhou ambas. Percorreu também inúmeras regiões da Índia, deixando dados sobre a política e a educação da época, tornando-se um dos grandes viajantes da História Universal. O total de textos e imagens budistas por ele levados para a China montava a 657 unidades, que foram transportadas em 22 cavalos.

Como doutor em Budismo, Hiuen-Tsiang transmitiu à China a correta tradição do Budismo Indiano. Antes do grande viajante partir para a Índia, muitos eram os estudiosos versados nas doutrinas do Hinayana e do Mahayana na China. Entretanto, na Índia, Hiuen-Tsiang conseguiu estudar com os mais notáveis mestres Hinayanistas e Mahayanistas. Assim, na Universidade de Nalanda teve a ocasião de ouvir os ensinamentos do famoso Silabhadra, grande mestre da doutrina *Yogâcâra*, pregada pelos irmãos Asanga e Vasubandhu. Um dos objetivos da viagem de Hiuen-Tsiang à Índia fora aliás levar para a China a doutrina *Yogâcârabhûmi*. Assim, entrou ele para o círculo de discípulos de Silabhadra, dedicando-se ao aprendizado das doutrinas *Yogâcâra*, ou seja, da Psicologia Profunda do Budismo, estudando também outras teorias correlatas. A Escola *Yogâcâra* da China venera Hiuen-Tsiang como o Patriarca Transmissor da Doutrina.

Como tradutor, Hiuen-Tsiang foi a maior figura de toda a História do Budismo. Antes dele, já havia muitos textos traduzidos para o chinês, mas nem sempre com fidelidade perfeita ao original. Hiuen-Tsiang fixou novas normas para a tradução, traduzindo não só textos sânscritos até então não apresentados na China, mas também sermões e tratados filosóficos já vertidos anteriormente para o chinês. Traduziu 74 obras, repartidas em 1.338 rôlos. Marcou época na história das traduções budistas, inaugurando uma nova tradição. Hoje, os textos traduzidos anteriormente a ele por Kumara-jiva e outros são chamados Velhas Versões, ao passo que as dele e as posteriores são conhecidas como Novas Versões. Destacamos o ingente esforço por ele despendido na tradução do *Maha Prajna*

Paramita Sutra (O Sermão da Grande Perfeição da Sabedoria), em 600 rôlos.

*

III. — AS TRADUÇÕES OCIDENTAIS DAS MEMÓRIAS.

Estudos parciais sôbre as *Memórias* são continuamente publicados pelos orientalistas europeus e americanos, mas só existem três traduções completas do texto, a saber:

- a). — *MEMOIRES sur les contrées occidentales, par Hiouen Tshang — Traduit du chinois en français par Stanislas Julien*, Paris, 1857, 2 tomos.
- b). — *BUDDHIST Records of the Western World — Translated from the Chinese of Hiuen Tsiang by Samuel Beal*, London, 1884, 2 volumes.
- c). — *WATTERS, Thomas — On Yuan Chwang's Travels in India*, London, 1904-1905, 2 volumes.

Stanislas Julien, orientalista francês versado no idioma chinês, despendeu dez anos no estudo das *Memórias*, lançando por fim sua tradução francesa. Esse trabalho impulsionou grandemente o progresso dos Estudos Orientais na Europa e muitos especialistas elaboraram suas pesquisas tomando por base essa tradução. Em nossos dias, em que já tanto progrediram os Estudos Orientais, percebe-se que certas partes da tradução de Julien precisam ser revistas, mas isso não diminui o perene valor do trabalho. Sabemos que em memória desse grande orientalista foi instituído o Prêmio Julien, destinado a laurear as melhores pesquisas em Estudos Orientais.

O trabalho de Beal também é uma boa tradução, na qual se percebe o esforço despendido por esse especialista.

O trabalho de Watters é uma tradução acompanhada de notas explicativas, produzida por um orientalista de vasta cultura, versado em História e Filosofia da China (filosofias não-budistas), além de conhecer o sânscrito, o que lhe foi de extraordinária ajuda para esse trabalho. Notam-se porém algumas passagens um tanto arbitrárias. Watters faleceu pouco depois de terminada a tradução, encarregando-se os profs. T. W. Rhys Davids e S. W. Bushell de sua edição.

*

IV. — ESTUDOS SÔBRE AS MEMÓRIAS.

Além das três traduções acima referidas, temos os seguintes importantes estudos:

- a). — *CUNNINGHAM (A.), Ancient Geography of India*, London, 1871.

- b). — SAINT-MARTIN (L. Vivien de), *Mémoire analytique sur la carte de l'Asie Centrale et de l'Inde*. Paris, 1858.
- c). — SMITH (Vincent A.), *The Itinerary of Yuan Chwang*, London, 1905.
- d). — *HISTOIRE de la vie de Hiouen Thsang et de ses voyages dans l'Inde entre les années 629 et 645 de notre ère* — traduit par S. Julien. Paris, 1853.
- e). — *The Life of Huen Tsiang*, tr. by S. Beal. London, 1888.

O trabalho de Cunnigham é uma minuciosa pesquisa arqueológica fundada no *Relato sôbre os Países Budistas* de Fa-Hsien e as *Memórias* de Hiuen-Tsiang. Aborda a estadia de Hiuen-Tsiang na Índia.

O livro de Beal é bastante conhecido e citado, ao passo que o de Stanislas Julien, tido como muito superior em muitos pontos, encontra-se quase totalmente esgotado.

Além de Cunnigham, Sir Aurel Stein, Alfred Foucher e outros que têm feito explorações ou escavações arqueológicas na Índia, no Afganistão e no Turquestão, têm tomado as *Memórias* como um importante guia. V. A. Smith e outros especialistas empenhados em reconstituir a História Antiga da Índia também têm encontrado nas *Memórias* sua fonte mais valiosa.

Henri Cordier apresenta nos volumes 4 e 5 da *Bibliotheca Sinica* uma lista dos trabalhos dos orientistas europeus sôbre Hiuen-Tsiang, que só contém os estudos publicados até 1922. Desde essa época, numerosos trabalhos têm surgido.

*

V. — ALGUNS TRECHOS EXPRESSIVOS DAS MEMÓRIAS, RELATIVOS À ROTA DA SÊDA.

Vejamos agora alguns textos relativos à Rota da Sêda, extraídos das *Memórias*. Primeiramente, alguns textos extraídos do capítulo dedicado ao reino de Kusatana, atual Khotan, região de grande importância para a História Oriental:

“O reino de Khotan mede quatro mil *li* (2) de circunferência. Metade do território é desértico, pouco extensas são as terras cultiváveis, que são porém bem férteis e dão muitos frutos. Fabricam tecidos e fios, sendo muito hábeis em tecer com a sêda. Produzem também pedras preciosas brancas e negras. O clima é suave, havendo poucas diferenças entre as estações, mas sopram terríveis redemoinhos. As pessoas são educadas, tranqüilas e discretas. Apreciam os

(2). — Medida chinesa de comprimento, correspondente no Período Tang a 559,8.

livros e o estudo, sendo versados em várias técnicas. A maioria das pessoas leva uma vida opulenta e fácil. As pessoas registradas nos cadastros mostram-se bem integradas em suas profissões. O país inteiro aprecia a música, todos gostam de cantar e dançar. Quase não usam lã ou peles, a maioria se veste de sêda ou algodão. A conduta das pessoas está de acôrdo com as regras da cortesia e os costumes são de gente que obedece a moral. A escrita e as leis são conformes às da Índia, mas já com certas transformações e alterações. A língua difere das de outros reinos. Professam o Budismo com ardor, havendo cêrca de cem templos e cinco mil monges. A maioria se entrega à prática do Mahayana” (3).

Tal era a situação de Khotan no tempo de Hiuen-Tsiang. O viajante apresenta depois uma série de lendas e tradições, como as relativas à fundação do reino, à introdução do Budismo no país e à edificação dos principais templos. Conta também como durante a guerra contra os hsiung-nu os ratos ajudaram o rei de Khotan roendo as selas dos cavalos, as roupas, os cordas dos arcos, os cordões das armaduras, os cintos e as cordas dos inimigos. Conta ainda como uma Naga (4) sustou o curso de um rio e apresenta vários episódios de antigas batalhas.

E’ bastante conhecido o fato dos processos chineses de fabricação da sêda terem sido transmitidos a Khotan, daí se difundido para o Cachemir e a Pérsia. Hiuen-Tsiang nos apresenta uma interessante tradição a respeito, relacionada com o mosteiro de Lu-she, em Khotan:

“A sudeste do Palácio Real, a uns cinco ou seis *li*, fica situado o mosteiro de Lu-she, edificado pela espôsa do soberano anterior. Outrora êsse país ignorava a existência da amoreira e do bicho da sêda. Vindo a saber de sua existência na China, o rei mandou emissários encarregados de obtê-los. Entretanto, o soberano chinês, que mantinha essas coisas em segredo, não atendeu ao pedido e deu aos guardas das fronteiras ordens rigorosas para impedir que bichos da sêda e sementes de amoreira fôssem levados para fora do país. Então o rei de Khotan solicitou delicadamente uma princesa chinesa em casamento. O soberano chinês acabou atendendo ao pedido. O rei de Khotan enviou um emissário para buscar a noiva, ordenando que dissesse a ela que, uma vez que em Khotan não havia sêda, amoreira ou bicho da sêda, trouxesse consigo essas coisas para poder fazer seus vestidos. A princesa, ouvindo essas palavras, escondeu ovos de bicho da sêda e sementes de amoreira em seu toucado. Na fronteira, os guardas fizeram uma inspeção, mas não examinaram o toucado da princesa. Assim, chegou ela a Khotan, onde introduziu a amoreira e o bicho da sêda” (5).

(3). — WATERS (Thomas), *On Yuan Chwang's Travels in India*, Delhi, Munshi Ram Manohar Lal, 1961, pág. 295.

(4). — Serpente da mitologia indiana, encarregada do controle das águas e das chuvas.

(5). — WATERS (Thomas), *op. cit.*, pág. 297.



Fig. 2. — Fragmento de pintura em madeira do templo de Dandan-Ullik representando a lenda da introdução da seda em Khotan. Apud Seichi Mizuno, *Saiki (Asia Central)*. Tokyo Kawade, 1966

A fabricação da sêda em Khotan teria começado na região do mosteiro de Lu-she, nome que os modernos estudiosos interpretam como tendo o sentido de “Mosteiro do Casulo do Bicho da Sêda”. Essa lenda parece ter sido amplamente difundida. Sir Aurel Stein escavou, nas ruínas do templo de Dandan-Uillik uma pintura em madeira representando êsse episódio.

Essa lenda não nos chama atenção apenas por ser curiosa. Nela pressentimos o destino comum dessas cidades da Ásia Central, manifesto também no seguinte episódio relativo a Rallaka, cidade próxima a Khotan:

“Nessa época, as pessoas dessa cidade gozavam de grande riqueza, mas repeliam o Budismo e abraçavam doutrinas errôneas, tratando com desprezo as veneráveis imagens de Buda. Um dia chegou um viajante, vindo não se sabe de onde, que venerava imagens de Buda. Suspeitosos, os súditos informaram o rei, que mandou enterrar vivo o viajante, deixando apenas sua cabeça de fora. Houve um homem que, compadecido de sua sorte, lhe trazia secretamente comida. Sendo enfim perdoado e enquanto se preparava para partir, o viajante disse a seu benfeitor que fugisse, pois daí a sete dias cairia uma grande chuva de areia que sepultaria tôda a cidade e aniquilaria o povo. O homem falou com seus parentes e conhecidos, mas todos se riram e não lhe deram atenção. No dia seguinte, começou a soprar de repente um vento forte e muitos objetos preciosos caíram do céu. O povo zombou ainda mais do homem. Mas êste, que acreditava piamente nas palavras do viajante, cavou secretamente um túnel para escapar para fora das muralhas da cidade. Na noite do sétimo dia, choveu areia, sepultando a cidade e seus habitantes. Só aquêlê homem conseguiu fugir... Agora Rallaka não passa de uma grande colina de areia. Reis e nobres de outros reinos tentaram fazer excavações em busca de tesouros, mas assim que se aproximavam, soprava um vento forte que levantava turbilhões de areia, fazendo-os perder a direção...” (6).

Através dêsse relato sôbre Rallaka e da lenda da Naga que teve o curso do rio, percebemos a situação dos habitantes dêsses pequenos Estados situados nos oásis, cercados por um ambiente hostil, sempre em luta contra a areia e pela água. Os habitantes dessas antigas cidades, hoje sepultadas sob as areias do deserto, outrora desenvolveram uma brilhante cultura, mesclada de elementos internacionais e agiram como intermediários nas relações Oriente-Occidente. Constituíram a cultura da Rota da Sêda.

Através da comparação de relatos de viajantes de épocas diferentes, podemos perceber as diversas transformações ocorridas numa região. Outras vêzes, porém, encontramos uma estranha coincidência de detalhes, como nos relatos sôbre as tempestades no deserto, que passaremos a comparar.

(6). — WATTERS (Thomas), *op. cit.*, pág. 298.

Fa-Hsien, primeiro monge budista chinês a visitar essas regiões, deixou o seguinte relato referente a sua passagem pelas vizinhanças do lago Lop Nor:

“No meio do deserto é freqüente encontrar maus espíritos ou receber o assalto do vento quente. Todos os que passam por isso morrem, ninguém consegue sobreviver. No céu não voa um só pássaro, na terra não se vê um animal a correr. Por todos os lados se estende o deserto, não se encontra nenhum ponto de referência, por mais que se procure. Os viajantes marcham tomando como referência apenas as ossadas dos mortos” (7).

Vejamos agora o relato de Hiuen-Tsiang, relativo ao trecho do caminho entre Khotan e o Lop Nor, em direção a Lou-Lan:

“Quando se penetra no deserto em direção ao Oriente, a areia, obedecendo ao vento, ora se desloca, ora se amontoa, apagando as pegadas e fazendo os viajantes se perderem. Por isso os viajantes ajuntam as ossadas para fazer marcos para o caminho. Não há água nem vegetação e sopra um terrível vento quente. Quando começa a soprar o vento quente, homens e animais perdem a vista e ficam tontos. Começam a ouvir então cantos e gemidos. Muitos perdem o caminho e desaparecem. Isso deve ser obra dos demônios e fantasmas do deserto” (8).

Não há exagêro nesses relatos. Marco Polo, que atravessou o mesmo deserto 600 anos depois, também menciona em seu relato êsses cantos e gemidos. Na historiografia oficial chinesa também encontramos interessantes relatos sôbre o vento quente do deserto:

“No verão sopra um vento quente que atormenta cruelmente os viajantes. Quando o vento começa a soprar, é pressentido apenas pelos camelos mais velhos. Os camelos se reúnem bramindo e, de pé, escondem a boca e o nariz na areia. Os viajantes, obedecendo a êsse aviso, resguardam a bôca e o nariz com feltro. E' um vento muito rápido” (9).

As cidades mortas da Ásia Central, sepultadas nos desertos, às vêzes chamadas “Pompéias do Oriente”, passaram a ser escavadas por exploradores de vários países europeus, a partir do século XIX. Os restos das antigas culturas que dormiam sob as areias foram removidos para museus e universidades. Conservaram-se por milhares de anos, em grande parte graças aos motivos apontados por Hiuen-Tsiang, a saber, as tempestades do deserto e as superstições.

*

(7) . — Cit. por MATSUDA (Hisao), *Sabaku no Bunka — Chuô Asia to Tôzai koshô*[As culturas do deserto — A Ásia Central e o intercâmbio Oriente-Occidente]. Tokyo, Chuô Kôron 1966, pág. 28-29.

(8) . — WATTERS (Thomas), *op. cit.*, págs. 303-304.

(9) . — Cit. por MATSUDA (Hisao), *op. cit.*, pág. 29.

VI. — FONTES CHINESAS PARA O ESTUDO DA ÁSIA CENTRAL.

Desde que Ssu-ma Ch'ien, no Período Han, fêz constar de suas *Memórias Históricas* um capítulo sôbre a Ásia Central, o *Relato sôbre Ta-yuan*, tôdas as crônicas oficiais da China passaram a dedicar uma parte a essa região. Aí encontramos dados sôbre a geografia, população, produções, costumes, grandes vultos e ascensão ou declínio dos diversos países da Ásia Central, bem como sôbre as relações com países estrangeiros. Além das crônicas oficiais, existiram na China desde a Antigüidade numerosas obras que tratam da Ásia Central, mas sua maior parte se perdeu. O que existe em quantidade são trechos fragmentários e dispersos de relatos sôbre a região. Recentemente, novos documentos foram descobertos nas cavernas de Tun-Huang. Podemos encontrar ainda numerosos dados em biografias de monges e listas de textos sagrados.

*

VII. — OUTROS RELATOS DE VIAGENS DE MONGES CHINESES À ÁSIA CENTRAL E À ÍNDIA.

1. — O mais antigo documento dessa natureza que chegou até nós é o *Relato sôbre os Países Budistas* de Fa-Hsien, que no ano 400 a. C. deixou Chang-An com alguns companheiros, atravessou o deserto, passou por pequenos países como Loppor, Karachar, Khotan, Kargalik e Kachgar, cruzou o planalto do Pamir e penetrou na Índia do Norte. Visitou depois a Índia Central e Meridional e a ilha de Ceilão, regressando à China por via marítima. Levou cêrca de 15 anos nessa viagem, cujos sucessos são relatados no texto supra-citado, que contém também dados sôbre os países visitados. Existem três traduções desse relato (10).

2. — Temos depois, em 518, a viagem de Kien-Hsi e seu companheiro Song-Yun, que, rumando para a Ásia Central, atravessaram Kroraina (Lou-Lan), Kargalik, Sarikol e outros pequenos países, cruzaram o planalto do Pamir e penetraram na Índia do Norte, seguindo de Gandhara para Udyâna. Levaram dois anos na viagem de ida e regressaram a Lo-Yang, capital chinesa na época, em 522. Essa viagem está relatada no 5.º rôlo do *Relato sôbre os Templos Budistas de Lo-Yang*. Existem duas traduções do trecho relativo à viagem (11).

(10). — RÉMUSAT (A.), *Foé-Koée-Ki*, 1836; BEAL (S.), *Buddhist Records of the Western World — a Introduction*, 1885; LEGGE (I.), *A Record of Buddhistic Kingdoms*, 1886.

(11). — CHAVANNES (E.), *Voyage de Song-Yun dans l'Udyâna et le Gandhâra*, 1903; ver também o trabalho de Beal citado na nota anterior.

3. — Pouco depois de Hiuên-Tsiang, tivemos a viagem de Wang Hiuên-Tse à Índia. Seu relatório de viagem perdeu-se e só temos alguns fragmentos citados num texto denominado *Jardim da Lei e Bosque de Jóias*. Sobre êsse viajante, existe um estudo de Sylvain Lévi (12).

4. — Yi-Tsing, do Período Tang, partiu em 671 de Kwang-Chou para a Índia, por via marítima e em 695 regressou a Lo-Yang, onde publicou seu *Relato da Viagem aos Mares do Sul*, texto já traduzido para o inglês (13).

5. — Nas cavernas de Tun-Huang foram recentemente descobertos alguns rolos do *Relato da Viagem de Yen-Chang à Índia*. Através dêsse fragmento sabemos que Yen-Chang, que em inícios do século VIII estava na Índia Central, dirigiu-se à Índia Meridional, à Índia Ocidental e por fim à Índia Setentrional, de onde penetrou no Afganistão e no Irã, tendo depois atravessado o Turquestão; seguindo pela zona montanhosa ao sul de Wakkan, transpôs o planalto do Pamir, passou por Kachgar e Kusha e entrou em Karashar por volta de 727. O texto contém dados sobre o governo, religião e costumes das regiões visitadas pelo viajante e das sobre as quais êle obteve dados. Embora falte o início e a parte final, é uma fonte que ombreia em importância com os relatos de Hiuên-Tsiang e Fa-Hsien.

6. — Temos também o relato da viagem de Wu-Kong, excelente fonte para o estudo do Cachemir, já traduzido para o francês (14).

Além dêsses textos, encontramos ainda dados referentes aos imperadores Asoka e Kanishka no *Canon Budista Chinês*.

Tais são as principais fontes chinesas. Lembremo-nos porém que em qualquer ramo de estudos sobre a Ásia Central somos obrigados a recorrer aos resultados das pesquisas dos orientistas ocidentais que, embora se dedicando a êsse ramo apenas há pouco mais de um século, acumularam, graças a seus sérios esforços, resultados notáveis, lançando uma nova luz sobre a História da Ásia Central. Versados nos difíceis idiomas da Ásia Oriental e capacitados a decifrar documentos do Oriente e do Ocidente, submetteram a rigorosa crítica científica essas fontes, esclarecendo pontos obs-

(12). — LÉVI (Sylvain), *Les Missions de Wang Hiuên-Tse dans l'Inde*, in "Journal Asiatique" XV, 1900.

(13). — TAKAKUSU (Jyunjiro), *A Record of the Buddhist Region*, 1896.

(14). — LÉVI (Sylvain), CHAVANNES (E.), *L'Itinéraire d'ou-Kong (751-790)* in "Journal Asiatique".

curos. Depois, percebendo a insuficiência das fontes escritas, lançaram-se à exploração arqueológica da Ásia Central, que acarretou a descoberta de novas fontes.

* *
*

INTERVENÇÕES.

Do Prof. *Eurípedes Simões de Paula* (FFCL-USP).

Pergunta se o comércio da sêda na época tratada na comunicação fazia-se somente por via terrestre? Não haveria comércio marítimo? Pois diz saber que mercadores romanos (sírios sem dúvida) teriam chegado ao porto de Changai na época de Marco Aurélio, em 166. Como o Autor explica esse fato?

*

Da Profa. *Maria Regina Cunha Rodrigues Simões de Paula* (FFCL-USP).

Pergunta se o Autor poderia esclarecer alguma coisa sobre os fatores geográficos responsáveis pelos constantes conflitos nas áreas da Ásia Central na Antigüidade e modernamente entre chineses e russos?

*

Da Profa. *Célia Freire d'Aquino Fonseca* (da Universidade Federal de Pernambuco).

Indaga se o Autor poderia prestar esclarecimentos sobre o fator demográfico, isto é, sobre os problemas oriundos do crescimento da população chinesa e os conflitos de fronteira que, como informou o Prof. Ricardo Mário Gonçalves na sua tradução, datam de épocas muito antigas e têm-se repetido ao longo dos séculos?

Diz que faz essa indagação em virtude do incremento dos estudos de Demografia Histórica, que se tem verificado, principalmente após o I Congresso em Paris sobre esse tema.

*

Do Prof. *Niko Zuzek* (da Faculdade de Engenharia Industrial. FEI).

Diz que a segunda gravura que ilustra o texto impressiona pelas não poucas características da arte bizantina: a áurea ao redor da

corôa, a maneira de estar sentado, o personagem à direita, de feições fortes e hieráticas.

Pergunta: trata-se de simples impressões ou há de fato algum relacionamento entre a arte bizantina e a arte chinesa da época?

*

Da Profa. *Emília Thereza Álvares Ribeiro* (do Instituto de Altos Estudos Históricos e Sociais da Faculdade de Filosofia de Campo Grande. GB).

Pergunta ao Autor se também não tiveram importância as rotas marítimas entre o Golfo Pérsico e a China? Pois, além dos navegantes chineses que vêm ter ao Golfo Pérsico, pôde verificar a importância do Império Sassânida nesse setor. Havia uma rota regular entre o Golfo Pérsico e Hanfú, na China, seguida pelo príncipe Sanabara (citado em crônicas, com descrições detalhadas das viagens e resultados). Partia êle de Barigaza (ao norte de Bombaim). Esta rota tem grande importância comercial e, além disso, grandes reflexos culturais, sobretudo religiosos e artísticos. Além de documentos chineses há informes persas.

A importância da rota que aponta é o de ser uma via paralela, com grandes conseqüências posteriores.

* *
*

RESPOSTAS DO PROFESSOR EKYU KYUJI TOKUDA.

Ao Prof. *Eurípedes Simões de Paula e Emília Thereza Álvares Ribeiro*.

Realmente a rota terrestre não é a única, existem também rotas marítimas de grande importância, que também são utilizadas pelos peregrinos budistas chineses que vão à Índia, relatos que constituem nosso objeto de pesquisa.

*

À Profa. *Maria Regina Cunha Rodrigues Simões de Paula*.

Se por um lado, podemos admitir a importância do fator demográfico nos conflitos de fronteira (a China conta hoje 750 milhões de habitantes), não podemos deixar de apontar para certos fatores de ordem geográfica poucas vezes lembrados. O gênero de vida das populações que habitam as áreas onde explodem os conflitos fronteiriços entre a China e seus vizinhos é geralmente o pastoreio nômade. As minorias étnicas dessas regiões são atraídas, ora para a

influência da China, ora para a de seus vizinhos, ocasionando o fenômeno das fronteiras movediças. Os relatos dos peregrinos chineses mencionam vários exemplos de minorias étnicas pressionadas, de um lado pela China, e de outro pelos turcos ou outros vizinhos poderosos. Esta resposta responde também ao pedido de esclarecimento solicitado pela Profa. *Célia Freire d'Aquino Fonseca*.

*

Ao Prof. *Niko Zuzek*.

A gravura que ilustra o texto é khotanesa, ou seja, mais indo-iraniana do que propriamente chinesa, embora Khotan esteja localizada no Turquestão Oriental. Realmente, a influência da arte bizantina chegou até ali e foi muito mais além, alcançando a própria China e mesmo o Japão, como vemos pelos objetos do século VIII conservados no Museu Imperial de Shosoin, em Nara.